

Este corpo é meu!

Em *Black Lights* – amanhã no Palco Grande – a coreógrafa francesa Mathilde Monnier denuncia o assédio às mulheres nos mais variados contextos, a partir de um guião escrito por 24 autoras para uma série televisiva produzida pelo canal francês Arte e intitulada *H24*. O tema? A violência praticada contra mulheres, mas também o impacto a longo termo e as mazelas mentais e físicas que essas formas de violência originam.

A editora francesa Actes Sud acabou por editar esse conjunto de textos, e Mathilde Monnier escolheu nove deles para montar o espectáculo que agora apresenta em Almada. A peça abre com a actriz portuguesa Isabel Abreu (que integra um elenco totalmente feminino, de seis nacionalidades diferentes), vestida de branco, a anunciar que “há qualquer coisa que não está bem”. Fala do assédio no meio laboral, desportivo, cultural e familiar. As oito intérpretes descrevem-nos perseguições em plena rua; mãos que tocam onde não devem; piropos desnecessários; e a forma como aprenderam a sorrir quando lhes dizem que são boni-

tas, para não parecerem mal-educadas. “Os homens são mesmo assim – isso não é nada”, ouviram já vezes sem conta. Só que é. Não podem escamotear o que sentem. “Ele não me tocou, mas eu tenho vontade de chorar. As pessoas dizem-me que não se passou nada, mas isso só faz com que eu me sinta reduzida a nada”. E então estas mulheres reagem. A coreografia evolui para uma luta corpo-a-corpo com um inimigo imaginado, mas bem concreto. “Este corpo é meu!”, gritam elas, seguindo-se uma sarivada de golpes que aprenderam num curso auto-defesa: “Direita, esquerda, respira, esquiva!”. O público aplaude.

A propósito desta sua criação, Mathilde Monnier afirma que: “Ainda só estamos no início da explosão do movimento *MeToo*, que dá voz a uma problemática social bastante clara e partilhada na nossa sociedade, e portanto muito ‘falada’. Eu não me coloco num lugar de reivindicação feminista pura. Trabalho, isso sim, sobre textos feministas. A força e a legitimidade da nossa representação é um lugar onde há ainda muito por fazer. As mulheres ainda precisam de voz. Embora as



© Marc Coudrais

suas palavras sejam ouvidas, nem sempre são entendidas. Enquanto mulher que tem dirigido importantes teatros de dança, sei bem quais são as dificuldades para uma mulher de ocupar lugares de direcção. Enquanto artista, sinto uma

espécie de legitimidade para falar disso através destes textos, destas autoras. As suas palavras agradaram-me, porque são frágeis. Estes monólogos não são apenas reivindicativos e políticos – são, de alguma forma, também desesperados”.

Uma aventura conjunta



© Patrícia Paço

Colóquio na Esplanada de ontem contou com a dupla Olga Roriz+João Brites, criadores do espectáculo *Irmã Palestina*, com moderação de Mónica Guerreiro. Boa parte da conversa debruçou-se sobre o modo como estes dois criadores tão experimentados, “com personalidades tão fortes, trabalho de muitos anos atrás de si e processos de trabalho e modos de fazer tão diversos” cumpriram a quase “missão impossível” (O.

Roriz) de criar em conjunto esta peça-bailado que é uma verdadeira fusão das duas artes. O “impacto inicial” fê-los compreender que não poderiam fazer cada um à sua maneira, pois um não entendia o que o outro fazia. Uma primeira plataforma de entendimento despontou quando compreenderam que ambos procuravam resposta para a mesma ânsia: “Como fazer para que não se sinta quem é bailarino e quem é actor?”.

Para João Brites, a maior dificuldade prendia-se justamente com os processos: “Eu não começo sem ter um lugar, ou sentir-me-ei perdido; e a Olga, quando ‘parte’, é de uma ideia e a sua dramaturgia resulta de um processo, que tem por base a improvisação filmada...”. Ora, para *Irmã Palestina* era mister colocar gesto e palavra em sincronia, imbricá-los um no outro, torná-los coincidentes.

E esse resultado acabou por dever-se em grande parte ao mérito dos oito actores-bailarinos, os quais – a partir das informações, ora complementares, ora contraditórias, que recebiam de Olga Roriz e de João Brites – vieram a encontrar respostas que satisfizessem finalmente... a ambos, transcendendo por via dessa síntese o *input* individual de cada um deles. Algo que João Brites qualificou de “ver-

dadeiramente heróico”.

No final desta estrada acidentada que ambos percorreram, cada um ficou com algo do trabalho do outro, Olga acabou por intervir no domínio da palavra, e João por se “imiscuir” no domínio do movimento – “entrámos no terreno um do outro” (J. Brites).

Menção ainda à bailarina palestiniana Maria Daly, para a qual “foi necessário encontrar uma linguagem corporal que fizesse sentido para ela, fizesse sentido para o sítio e cultura donde ela vem” (O. Roriz), processo, esse também, no qual houve “embates”, surgidos de “susceptibilidades, fragilidades e receios”.

No final, João Brites revelou que o próximo capítulo desta ‘saga’ se chamará *Irmã Chilena* e deverá estreiar no segundo semestre de 2025. | Bernardo Mariano

Não me canso da Liberdade



O meu nome é Davoud, nasci no Irão e estou a viver em Portugal desde 2008. Cá sinto-me em casa e fico feliz, e considero que nasci outra vez em Portugal. Sou técnico auxiliar de saúde e trabalho no Hospital. Conheço o Teatro Municipal Joaquim Benite

há mais de uma década e gosto: vi peças de teatro, conversas sobre arte, livros, espectáculos de música, exposições e outras actividades culturais. É um sítio importante para quem conhece e para quem quer aprender assuntos importantes e interessantes sobre língua,

Mestre Rui

Rui Cardoso Martins começou por se situar em relação ao vocábulo 'mestre', no que foi também ocasião para rememorar - "memória e linguagem". Referiu a figura de Vladimir Franklin, experiências de actor-amador e recordou a sua primeira experiência de texto teatral: o desafio de escrever uma peça de 10 minutos. E acrescentou a destreza adquirida na crónica enquanto laboratório de registos vários de escrita. Pelo meio, enumerou questões que um dramaturgo se deve colocar: "O que quero contar? O que vou fazer com as personagens?" Não sem deixar de dizer que, "para ser levado a sério, o ofício de dramaturgo tem de ser praticado".

Sobre o texto dramático, definiu-o sumariamente como "texto escrito para ser representado", no qual "se cria um mundo" verosímil, credível "durante um determinado espaço de tempo". Falou da necessidade de "chegar à realidade de forma mais intensa", através do artifício do "tempo comprimido".

Outra questão que lançou foi: "O que pode desencadear uma peça?". Para ilustrar a sua opinião de que qualquer experiência - "é a vida que alimenta as boas obras", diria a propósito - pode ser gatilho de uma peça, mencionou uma frase desgarrada e que consentia a elaboração de várias "ficções" a partir da mesma, facto ilustrativo das "várias camadas" que o teatro e o texto teatral contêm. E esta mera possibilidade de texto dramático a partir de algo tão elementar ligou-se a uma frase que diria um pouco depois: "Se há algo que transforma a alma humana, é ver uma peça / ouvir um texto em que o minúsculo se transforma em universal".

Edmundo Cordeiro debruçou-se sobre os textos teóricos respeitantes a teatro de Alain Badiou, autor que o orador tem traduzido e do qual foi lendo excertos seleccionados, tratando, por exemplo, da questão: "O que é que é próprio do teatro?". Sobre o que faz uma boa peça, defende Badiou ser "aquela que faz o espectador pensar sobre si, e que orienta o seu pensamento e a sua existência". Badiou também fala do Teatro enquanto "en-

cultura e em especial literatura dramática portuguesa.

No Festival deste ano comecei por ouvir cante alentejano. Gosto muito, porque tem a força do calor alentejano.

Não me canso da Liberdade.

Fui assistir à abertura da exposição sobre o Teatro da Barraca e àquela sobre os projetos culturais, quando passam 50 anos sobre a conquista da Liberdade: tem um valor especial e único. Parabéns! Vi os directores da Barraca, há tanto a realizar projectos sobre liberdade e ainda continuam. Bravo! Nessa noite de repente vi Maria de Medeiros, actriz e realizadora portuguesa. Aproximei-me, cumprimentei, e comecei a conversar sobre os filmes dela. E no fim tirámos uma foto e eu dei-lhe um nome: *A beleza nasce entre diferentes*.

O filme *Capitães de Abril* foi o primeiro filme de cinema português que vi, em 2009. Nesse filme foquei-me em Salgueiro Maia e na cena da Rua do Arsenal, em que tenho interesse até hoje, e até tenho uma ideia que gostaria de realizar: um projecto artístico sobre ele.

carnação da Ideia", e do texto como "portador de ideias", detendo em si próprio uma "reserva simbólica" polissémica, que é depositada "como uma confiança íntima" em cada espectador; e da interpretação-representação como "pensamento materializado".

Outra frase de impacto foi: "A existência de público é constitutiva do teatro". E que possibilitar "a subjectividade do espectador é o essencial", pois, pelo contrário: "Só se a peça for má é que saímos da sala com ideias muito claras". E, pelo facto de a contribuição do actor estar praticamente ausente dos escritos de Badiou, terminaria Edmundo Cordeiro a sua exposição com uma breve entrevista histórica com Orson Welles.

Bernardo Mariano

DEIXA DO DIA

"Não acredito em escritores sem sentido de humor."

Rui Cardoso Martins,
in *O Sentido dos Mestres*

Vou falar sobre esse projecto no dia 10 de Julho, no colóquio da Esplanada, na conversa com Ricardo Simões (autor e intérprete de *Salgueiro Maia: cartografia de um monólogo*). No dia 11 de Julho vou ver a peça na Academia Almadenense pelas 21H30.

Também vi a abertura, com uma boa apresentação, da exposição dos cartazes sobre o 25 de Abril. Gostei e agora tenho mais conhecimento sobre o 25 de Abril. Gosto mais do cartaz de Salgueiro Maia na Rua do Arsenal, no dia 25 de Abril de 1974.

Fui assistir à peça *Além da dor*. Gostei de tudo. Parabéns. O actor Pedro Walter realizou o papel da personagem Phil numa forma excelente. O Pedro tem futuro no teatro.

Considero o Festival de Almada um bom caminho, para o povo português, para conhecer outras línguas e culturas.

Davoud Ghorbanzadeh

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | Curso de formação
O Sentido dos Mestres, com Rui Cardoso Martins
Salão das Carochas

18:00 | Colóquio
Ricardo Simões
Escola D. António da Costa

19:00 | Teatro
Sans tambour
Teatro Municipal Joaquim Benite

20:30 | Música
Balklavalhau
Escola D. António da Costa

22:00 | Dança
Black Lights
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Moamba de galinha
Dourada no forno
Noodles com couve roxa e couve flor

AMANHÃ

Frango crocante c/ salada de repolho
Bacalhau à antiga
Feijoada de abóbora e batata doce